II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG
20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis
Interdisciplinaridade e currículo: uma construção coletiva

UMA BREVE ANALISE SOBRE A INFLUÊNCIA DE FUSTEL DE COULANGES PARA A ESCOLA METODICA[1]

LEITE, Mayke Rogerio Ferreira
Universidade Estadual de Goiás
UEG - Câmpus Iporá-Go
mayke_phs2011@hotmail.com

Resumo: Levando em consideração, que a história tem passado por diversas visões revisionistas de sua historiografia, o estudo sobre Fustel de Coulanges nos propicia descontruir algumas visões equivocadas produzidas por uma gama de historiadores do século XX, sobretudo os adeptos da corrente historiográfica da Escola dos Annales. Entender os pressupostos teórico-metodológicos implícito em Fustel de Coulanges é crucial para o debate, pois é mediante estes pressupostos que se tem a noção de que este historiador não se enquadra na denominação de historiador "positivista", como corriqueiramente este tem sido interpretado. Como fundamentação teórica, o presente trabalho se fundamentou em historiadores consagrados acerca da temática que este engloba, dentre estes, podemos citar François Hartog (2003) no qual a obra *O século XIX e a História: O Caso Fustel de Coulanges* é de fundamental importância para se compreender Coulanges.

Palavras-chaves: Fustel de Coulanges, História, historiografia, François Hartog.

INTRODUÇÃO

A pesquisa na área de História é essencial a cada individuo atuante deste campo do saber. Debruçar-se sobre um objeto de pesquisa, com a finalidade de averiguar os acontecimentos históricos que produz efeitos na prática atual, torna qualquer historiador fascinado pelo seu oficio. Os historiadores têm produzido bastante em suas pesquisas, com isso os fatos históricos tem ganhado roupagem diversificada. Atualmente a historiografia tem

[1] O presente trabalho esta vinculado ao Projeto de Pesquisa "História das Ideias de História" do professor Me. Clayton Ferreira e Ferreira Borges, desenvolvido na UEG-Campus Iporá-GO. Trata-se dos resultados parciais da pesquisa por mim desenvolvida sobre a concepção de História de Fustel de Coulanges, como um exercício para redimensionar as interpretações tradicionais sobre a historiografia do século XIX.

sido alvo de ótimas iniciativas ao que se refere à reconstrução da História. Sobretudo se tratando de método, teoria, escrita e concepção epistemológica de História.

O século XIX foi palco das escolas históricas que sacudiram o campo do conhecimento histórico em concepções teórico-metodológicas. As escolas históricas Alemãs e Francesas contribuíram de varias maneira para a História pensada e produzida durante o século XIX até os dias atuais. É neste século tão importante da história que se situa uma série de entraves acerca do conhecimento histórico, em especifico se tratando dos debates gerados sobre a Escola Metódica e a Escola dos Annales. A Escola Metódica ao longo dos tempos tem sido alvo de ásperas criticas no meio intelectual, sendo designada por uma gama de historiadores como "positivista". Lucien Febvre (1977) e Fernand Braudel (1978) produziram obras que continham uma carga exaltada de criticas sobre a História produzida no século XIX, designando não só a Escola Metódica ao status de "positivista", mas todo o século XIX. Infelizmente esta visão equivocada acerca da Escola Metódica, produziu sérios prejuízos ao conhecimento histórico, pois, a propagação deste erro teórico-metodológico tem impregnado uma série de historiadores.

Cristiano Arrais (2006, p.?) demonstra bem os efeitos deste equivoco interpretativo acerca da Escola Metódica, pois, "sob o signo da negatividade, as contribuições daquela "escola critica" ou "Escola Metódica" foram tomados, em linhas gerais, como exemplos de *como não se deve* exercer a pratica historiadora". Partindo desta visão, compreender o século XIX, sobretudo a Escola Metódica e seus historiadores, tem se tornado demasiadamente complicado, pois o trabalho requer um esforço vasto. Faz-se necessário se abster de todas as visões preconcebidas até o momento, para então se ater a estudar os documentos acerca de tal objeto. Assim, a pesquisa ao mesmo tempo em que produz novidade, também produz indícios de desconstrução das visões equivocadas elencadas no decorrer do tempo. Para tal ocasião é indispensável o estudos das fontes primárias, visando obter uma visão mais apurada dos próprios autores, e não da reprodução elencada pelos comentadores. Não podemos ser ingênuos em acreditar que toda a produção intelectual que se tem feito acerca da Escola Metódica e a Escola dos Annales, sejam todas elas obras equivocadas.

Neste sentido a pesquisa tem se fundamentado em uma serie de obras e artigos científicos de autores renomados da História. François Hartog (2003) torna-se indispensável para estudar tal temática, sobretudo em sua obra *O século XIX e a História: O Caso Fustel de Coulanges*. Cristiano Arrais (2006), Martins (2010), e uma serie de outros historiadores, não

podiam deixar de ser citados como teóricos fundamentais para o embasamento teórico da pesquisa. O estudo em execução é fundamental para se pensar a revisão historiográfica acerca do século XIX. Com base nisto, busca-se contribuir com o meio intelectual universitário, e, sobretudo para com os indivíduos que se interessam pela temática da pesquisa. Segundo Jörn Rüsen (2001), reconstruir, analisar e compreender acerca de tal parâmetro de estudo, contribui para um melhor desenvolver da consciência histórica dos indivíduos, dando lhes oportunidades de fomentar questões e de responder duvidas antes não sanada ou problematizada cada vez mais. Portanto a pesquisa sobre História das ideias de História tem bastante a contribuir para o crescimento intelectual, além desmitificar muitos mal entendidos no saber histórico.

2. OBJETIVOS

Mediante as formulações elencadas, pretende-se analisar o historicismo em Fustel de Coulanges, ou seja, buscar compreender a importância teórico-metodológica deste historiador francês, bem como situar a sua concepção de história no século XIX. Tomando este importantíssimo historiador como objeto de estudo, logo será possível compreender a sua atuação e influência para a fundamentação do pensamento histórico da Escola Metódica. Deste modo, entender Coulanges torna-se interessante na medida em que se percebe este como um caso exemplar de heterogeneidade no interior de uma Escola histórica.

3. METODOLOGIA

O estudo das “fontes primárias” e das “fontes secundárias” perpassa toda a pesquisa. O estudo das fontes primárias é fundamental para se pensar as obras dos próprios autores, ou seja, analisar a produção intelectual produzida pelo nosso próprio objeto de pesquisa. Já as fontes secundárias, assumem por vez a característica central de analise de outros historiadores sobre o nosso objeto de pesquisa. Deste modo a hermenêutica se torna um método preciso e coeso para debruçar-se sobre estes documentos, principalmente se pensarmos este método na concepção teórica abordada por Rüsen (2010).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A França sempre esteve presente na historiografia e no rol dos grandes historiadores desde os tempos antigos até os tempos atuais. Como exemplo de que tal colocação é verídica, Fustel de Coulanges é considerado um dos mais renomados historiadores franceses do século

XIX, no qual possui obras imortalizadas na historiografia, a saber, *A Cidade Antiga*. A França em que Coulanges se encontrava, passara por agitações que mudavam o contexto francês no período. As revoluções na França colocavam a sociedade em constantes ebulições, os acontecidos da Guerra Franco-Prussiana tornava a França um ambiente mais agitado ainda, necessitando encontrar respostas para as causas e as consequências da guerra. É neste contexto que vão surgir às necessidades de se construir um novo sentimento nacionalista francês, dando ao povo o sentimento de pertencimento a uma mesma nação.

A necessidade de se alcançar o sentimento nacionalista fará com que a História seja chamada para o centro do debate. Com isso muitos historiadores franceses vão se aventurar, alguns, aderindo ás causas presentes, outros indo a um passado bastante distante. Compreender este ambiente francês e o historiador Fustel de Coulanges em parâmetros mais detalhados só se torna possível mediante a analise de uma bibliografia tida como referência para esta temática.

Hartog (2003) em sua obra faz uma explanação digna de ser ressaltada, utilizando Fustel de Coulanges como referência para os seus estudos, demostrando uma serie de documentos primários. Ao que se refere á Escola dos Annales e a "forma Alemã" de se fazer história, a analise sobre Coulanges torna-se demasiadamente interessante devido este conter traços supostamente herdados da vertente historicista Alemã, e também possui elementos teórico-metodológicos, que estão intrinsecamente expostos nos historiadores dos Annales, diga se de passagem elementos que os Annales consideram criação exclusiva de seus historiadores.

Fustel, dissertando sobre a história produzida em seu tempo, bem como a produção historiográfica dos cinquenta anos anteriores, demostra que há por parte dos historiadores franceses uma exaltação das qualidades germânicas. Os exemplos são muitos, tais como, a maneira de se pensar nação, as virtudes, a disciplina e até mesmo a ciência histórica Alemã, era considerada superior à francesa. Coulanges justifica esta atitude devido o povo alemão ser verdadeiramente patriótico, ter amor ao seu passado. Os franceses não detinham este sentimento, acreditavam que ser patriótico era defender a bandeira que compete aos seus próprios interesses. Com a história não foi diferente:

> A história alemã tornara a Alemanha coesa e aguerrida nos últimos cinquenta anos; a história francesa, por obra dos partidos, além de nos ter dividido os corações, nos ensinara a temer o compatriota mais que o estrangeiro e acostumara cada um de nós a preferir o partido á pátria. A erudição alemã armara a Alemanha para a conquista; a erudição francesa, não satisfeita de nos impedir qualquer conquista, nos desorganizara a defesa,

> debilitara-nos a vontade e nos imobilizara os braços; pusera-nos de antemão a mercê do inimigo (COULANGES apud HARTOG, 2003, p. 353).

Com a história francesa em meio a esta condição, logo os historiadores que recortam o período foram considerados culpados. Tinham a necessidade de escrever uma história da França que visasse à unificação tanto dos historiadores quanto da nação, como ocorrera na Alemanha. Porém os historiadores franceses não viam seu oficio sob esta perspectiva, para estes:

> Escrever a história da França era uma forma de trabalhar por um partido e de combater um adversário. A história tornou-se assim entre nós uma espécie de guerra civil permanente. O que ela nos ensinou foi, sobretudo a nos odiar uns aos outros. Fizesse o que fizesse, acabava por atacar a França em algum aspecto. Quem era republicano julgava-se obrigado a caluniar a antiga monarquia; quem era monarquista caluniava o novo regime. Nenhum dos dois percebia que só lograva atingir a França. A história assim praticada não ensinava os franceses senão a indiferença e aos estrangeiros senão o desprezo (COULANGES apud HARTOG, 2003, p. 348).

Com base neste tipo de história produzida a respeito da França, Hartog (2003) demostra que Fustel de Coulanges tenta se desvencilhar deste modelo de historiografia em sua prática, tornando assim um historiador nacionalista. Preocupado em vasculhar o passado da França com a finalidade de buscar suas origens e de escrever uma história que desvie das artimanhas politicas de divisão social, e crie no povo francês o verdadeiro nacionalismo, ou seja, um patriotismo de fato.

Segundo Hartog (2003), Fustel critica os livros de história que circulava entre o povo francês, devido à valorização excessiva nos temas sobre a guerra. O reflexo era visto nas mentes francesas, que na maioria dos casos via nas guerras a única saída ou o único meio para obter seus objetivos. Fustel se posicionava contra este tipo de enfoque histórico, e ressaltava que a história deveria priorizar as relações sociais entre a nação, a forma como o trabalho era visto, as leis, a maneira como os princípios políticos do governo se constituíam e etc.De acordo com Coulanges, o historiador que se aventura pela história, deve se abster de seus sentimentos e desejos do presente, pois somente desta maneira esta apto a buscar a história do passado. Outro fator importante é se lançar sobre a pesquisa negando todas as ideias preconcebidas, pois do contrario incorrera aos erros grosseiros tão caro a história. Fustel de Coulanges (apud HARTOG, 2003, p. 302) afirma que:

> O dever de quem se dedica aos estudos históricos não é apenas ser imparcial; não é suficiente ser justo; não basta colocar na mesma balança todos os acontecimentos e todas as personagens; é preciso algo mais; é mister uma desvinculação total das coisas do presentes para identificar-se o mais

> possível com as gerações de outrora, para pensar como elas pensavam, para sentir como elas sentiam.

Faz-se necessário ir ao passado sem as preocupações que inquietam o historiador no presente. Sendo assim, nos propomos a uma breve reflexão, qual seria o sentido da história incitada por Fustel de Coulanges, se combater o presente ou até mesmo exalta-lo, é considerado um ato depreciativo da ciência? O tipo de história produzida à qual Fustel de Coulanges dirige suas criticas, é uma história produzida somente para defender os interesses de seus beneficiados. Em aspectos amplos, esta história da França obtém um ar negativo para o povo francês, neste sentido compreendemos que,

> A história é muito estudada em nossos dias: mas parece-me que, na verdade, as pessoas se servem dela mais do que a estudam. Da mesma forma, todos os partidos invocam a história em proveito próprio, chamam-na em seu auxilio, fazem dela um instrumento ou uma arma. Talvez fosse sensato começar por conhecê-la (COULANGES apud HARTOG, 2003, p. 303).

Compreender a questão do passado, presente e futuro em Fustel de Coulanges é uma analise interessante. Para ele, a aplicabilidade dos fatos passados, no presente e no futuro, sempre estará estritamente restrita. O que Fustel quer incitar é que a aplicação do passado no presente não é coesa, pelo fato de serem temporalidades diferentes, logo os acontecimentos do passado não podem ser traspassados ao presente, e ai reside à problemática acerca do estudo do passado. Segundo ele o homem é o centro de estudo da história, e este ao mudar de temporalidade, também muda as suas condições de vida e seus respectivos interesses de geração a geração, deste modo, é imprescindível que fique bastante explicito, que objeto de estudo da história Fusteliana é o homem. Sob essas condições é que se pretende fazer da história o estudo estritamente imparcial e sem interesses próprios, visando constituir na visão de Fustel, uma história com status de *ciência pura.* Quanto á história em si, quanto à maneira que esta deve ser considerada, Coulanges a vê como,

> [...] uma ciência. Seu objeto está tão claramente definido quanto o de qualquer outra ciência. Esse objeto é o homem, não o homem físico, estudado pela fisiologia, não a vida interna do homem nem os atos da consciência, estudados pela filosofia, mas o homem que vive em sociedade, o homem que trabalha, o homem que age e faz a obra de homem. [...] A história não é uma ciência dedutiva como a geometria; não é uma ciência experimental como a química. Tal como a geologia, só procede pela observação. Pode recorrer à indução, por vezes até à hipótese; mas só alcança de fato sua meta pelo estudo dos fatos. Contudo, esses fatos não se apresentam a ela diretamente. Por estarem no passado, por estarem mortos e não poderem reviver, o historiador nunca se acha realmente diante deles, só os apreende através de documentos que são seus vestígios, testemunhos ou cinzas. Esses documentos são livros, constituições, moedas, inscrições,

> monumentos e, às vezes, simples lendas. Em história não há adivinhação, o melhor historiador é quem vê com mais profundidade e precisão (COULANGES apud HARTOG, 2003, p. 337-338).

Percebe-se que Coulanges preocupa com o que se refere aos documentos históricos. Reconhece nos documentos o ponto de partida para a pesquisa histórica, e o elemento fundamental para a constituição do saber. Embora Fustel considere a investigação historiadora sobre a perspectiva eclética, este tende mais para a "*observação"* histórica realizada pelos historiadores. A definição de história elencada por Fustel não se restringe somente em citar, o que ela de fato é, para ele é importante também demostrar o que a história não pode ser considerada. Neste sentido,

> A história não é uma arte que vise narrar com encanto. Não se assemelha nem à eloquência nem à poesia. O historiador pode ter imaginação; ela lhe é ate indispensável; pois é necessário que ele forme no espirito uma imagem exata, completa e viva das sociedades de outrora; mas a história não é um produto da imaginação [...] a história não é apenas obra de arte; seu objetivo é outro, não o do romance ou da poesia; e se seu mérito fosse apenas o de um relato atraente, eu diria que ela não vale o que custa. [...] A história não é um instrumento de debate, uma arma, um mecanismo de partido. Não é, enfim um cálculo de probabilidades, um saber fácil e cômodo cujo tema seria apenas o passado e que não exigiria de nós nenhuma contribuição (COULANGES apud HARTOG, 2003, p. 305; 334; 336-337).

O curioso das proposições do autor é a sua insistência em aproximar e comparar a história com algumas disciplinas que possuem característica peculiar, a saber, química e física, bem como outros campos do conhecimento. As características da história *ideal* formuladas por Fustel despertam uma reflexão intrigante. Por hora incita que o historiador deva se apresentar aos seus estudos históricos com acentuada imparcialidade. A renuncia do presente, das paixões e das ideias preconcebidas, é outra marca indelével da história em Fustel. A busca pela verdade histórica é louvável neste modelo de história, "a verdade tem de ser nosso único objetivo e nossa única recompensa" (FUSTEL apud HARTOG, 2003, p.308), porém a visão acerca da aplicabilidade histórica na concepção de história Fusteliana, produz um certo desconforto.

A história ao longo dos tempos tem sofrido com os constantes equívocos e erros interpretativos acerca dos textos primários. Leopold Von Ranke que o diga, um excepcional historiador que ganhou nome devido às formulações acerca do historicismo, se tornou um historiador prejudicado pelos equívocos interpretativos, o que lhe custou um "mero esquecimento" na história. Hartog (2003) demostra que Fustel se preocupa com esse problema na história, e devido a este mal estar de compreensão, Fustel coloca como primordial aos

historiadores, que estes conheçam primeiro as fontes primarias, as interpretem com o devido método, prezando a boa compreensão dos textos primários. E somente em um momento posterior investigue e leiam as fontes secundarias, até mesmo como um requisito cientifico, averiguando quais são as considerações de outros historiadores.

Ao tratar do método Fusteliano, Hartog busca explicitar em sua obra, partes de um artigo escrito por Fustel, em que este executa a defesa de seu método. A respeito da questão metódica, haverá um embate teórico metodológico envolvendo dois grandes historiadores, que facilitará a compreensão do método histórico praticado por ambos. Fustel de Coulanges sempre direto em suas palavras, demostra que,

> Não é preciso dizer que a verdade histórica só se encontra nos documentos. Há quatro séculos que se sabe disso na França. Também não é preciso acrescentar que é pela analise correta de cada documento que o historiador deve iniciar seu trabalho. Não que ele seja obrigado a apresentar ao leitor todas as suas analises, mas já deve ter feito todas as relacionadas com o assunto antes de publicar o estudo (COULANGES apud HARTOG, 2003, p.313).

Percebe-se, que palavra "analise" está presente a todo instante nesta citação, o que remete a uma indicação de qual seria seu método de trabalho. Em defesa da analise textual, Fustel promove uma critica acentuada a um novo modelo de método que se constituía, a saber, o método comparativo. Segundo Fustel,

> Convém saber o que se entende por analise. Muitos falam dela, mas poucos a praticam. Tanto em história quanto em química, a analise constitui uma operação delicada. Mediante o estudo atento de cada detalhe, ela deve extrair de um texto tudo o que ali se encontra; não deve introduzir o que ali não existe. Quanto à aproximação, pode-se dizer a respeito dela o que Esopo dizia da língua- que é a melhor e a pior das coisas. Se é correta, esclarece e faz com que uma verdade seja mais bem compreendida; se é arbitraria e injustificada, torna a verdade distante. A analise é o melhor instrumento da ciência; a aproximação não passa às vezes de uma belo aprazível caminho que leva ao erro [...] (COULANGES apud HARTOG 2003, p. 314).

Fustel considera o método comparativo um procedimento simples e que não possui grandes dificuldades de ser empregado, já a analise, além de ser um método indispensável aos historiadores, esta é um procedimento complexo, que exige uma dificuldade maior. Este novo método denominado de comparativo, se configurava como um perigo para o futuro da ciência histórica na visão de Coulanges. Mediante as criticas ao método comparativo, nasce o conflito intelectual entre Fustel de Coulanges e Gabriel Monod. Não podemos ser ingênuos em pensar que na história nunca haverá aproximação e comparação entre um texto e outro. O próprio Fustel de Coulanges demostra que na história haverá momentos em que se necessitará da

aproximação, porém neste assunto, ele é bastante claro, "o que contesto é a aproximação que dispensa a analise, é a aproximação sem relação comprovada, é a aproximação arbitrária e que só existe na mente de quem a estabelece" (apud HARTOG, 2003, p. 317). Neste sentido,

> Para que se compreenda um texto, seja ele qual for, é preciso primeiro analisa-lo isoladamente. A comparação com outro texto só deve ser feita depois. Comparem dois textos após tê-los explicado um de cada vez, mas não os expliquem um pelo outro, e, sobretudo não deem a um o sentido que pertence ao outro. Essas comparações apressadas introduziram muitos erros na história, nos últimos vinte anos (COULANGES apud HARTOG, 2003, p. 316).

Em meio aos ataques críticos ao método comparativo, Gabriel Monod envia uma carta ao diretor da *Revue des Questions Historiques*, na intenção de responder o artigo de Fustel de Coulanges. Monod em sua primeira resposta as criticas que lhe é feita, declara que o método baseado na analise dos textos, não apresenta nenhuma contribuição aos estudos históricos, pois, apenas traduz os textos a uma nova versão, ou seja, apenas transcreve os textos abordado o mesmo sentido. Em outro momento, Monod argumenta que Fustel de Coulanges não refuta por completo o método comparativo, sobretudo "[...] porque o belo livro *A cidade Antiga*, que há de viver tanto quanto a língua francesa, é um dos mais ilustres e também um dos mais audaciosos modelos do método comparativo" (MONOD apud HARTOG, 2003, p.319). Tornando ainda mais aguda a sua resposta a Fustel de Coulanges, Monod demostra aonde ambos se divergem,

> Nossa divergência vem do fato de o Sr. Fustel de Coulanges atribuir ao método analítico virtudes a que não dou o mesmo valor, e de só ver no método comparativo perigos que, em meu entender, existem também no método analítico. Este, a seus olhos, é objetivo e pode-se, por meio dele, chegar à certeza e a evidencia, enquanto o método comparativo seria essencialmente subjetivo. Ele crê que, com seu método, chega a verdades cientificas, enquanto eu estaria cedendo a enganadoras miragens. Confesso que, em se tratando de métodos, sou muito mais cético do que ele estou de acordo com ele quando pensa que há muitas hipótese, fantasias inúteis, até erros no que escrevo e ensino; mas não que seu método o proteja do erro muito mais do que o meu, se e que meu método e distinto do dele (MONOD apud HARTOG 2003, p. 319-320).

Com uma resposta a altura, Monod demostra que ambos os métodos não privam nenhum historiador do erro. Talvez o ponto mais intrigante de sua visão é considerar a semelhança entre ambos os métodos, dando a entender que duvida da distinção entre ambos. O que se configurou um dialogo intelectual acerca da história entre Monod e Fustel, não se encerraria nas linhas da obra de Hartog (2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se com a pesquisa até então desenvolvida, que o discurso realizado pela Escola dos Annales a respeito do século XIX e, sobretudo da Escola Metódica, teve grandes repercussões, embora tenha propiciado uma serie de interpretações equivocadas. Deste modo entende-se que o discurso empregado pelas gerações dos Annales estava carregado de intenções politicas, ou seja, o programa desenvolvido pelos historiadores dos Annales tinha como proposta maior a legitimação politico-institucional desta corrente do conhecimento histórico. E no intuito legitimador desta corrente histórica no cenário francês, a escola metódica foi alvo de drásticas criticas.

Outra importante questão desvelada no decorrer da pesquisa e que de certa forma se torna necessário para se pensar a Escola Metódica, é entender e quebrar a visão homogeneizadora que se tem de historiadores pertencentes à mesma corrente historiográfica.

Percebe se com isso, que a Escola Metódica não esteve polarizada em somente um grupo de historiadores, ou seja, a Escola Metódica e seus historiadores não podem ser pensados de maneira homogênea. E fica clara esta visão de heterogeneidade no interior dos "metódicos", quando se analisa a obra de François Hartog (2003), onde está explicito o embate teórico-metodológico entre Coulanges e Gabriel Monod. A analise da bibliografia aqui mencionada se tornou fundamental para se pensar o século XIX e a Escola Metódica. Convém refletir que as contribuições elencadas, oportuniza uma pequena compreensão da corrente historiográfica da Escola Metódica e do historiador Fustel de Coulanges.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Cristiano P. Alencar. A Escola Metódica e o conhecimento histórico como problema. In: *Emblemas*, Catalão, v. 01, n. 02, p.? 2006.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. Editorial Presença, 1977.

HARTOG, François. *O século XIX e a História: O caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência* histórica. Trad. Estevão Rezende Martins. Brasília: Editora UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução Do Passado. Teoria da História II: os princípios da pesquisa* histórica. Trad. Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora UnB, 2010.